



RAZÕES QUE LEVAM A IGREJA ADVENTISTA A ASSINAR A DECLARAÇÃO “CUIDAR ATÉ AO FIM COM COMPAIXÃO”

A Igreja Adventista do Sétimo Dia, cossignatária desta declaração, na sua reflexão sobre a questão da vida, e em particular sobre a discussão da morte assistida e da eutanásia, fundamenta os seus princípios éticos e morais como igreja cristã, na sua compreensão e interpretação sobre o que a Bíblia afirma acerca da vida, do sofrimento, da morte, da dignidade humana, bem como sobre as questões éticas que se levantam em resultado do avanço científico e dos procedimentos terapêuticos utilizados para prolongar a existência.

Na sua concepção holística do ser humano e na procura de manter a dignidade do mesmo, a Igreja Adventista do Sétimo Dia, na sua ação de minimizar e aliviar as circunstâncias ligadas ao sofrimento, tem uma importante rede mundial de instituições de saúde, com 175 hospitais, 385 clínicas e 140 lares de idosos.

A partir da sua reflexão e experiência, a Igreja Adventista defende:

- Que a vida humana é um dom maravilhoso concedido por Deus e merecedor de ser protegido e sustentado.

- Que o ser humano é, devido à sua origem, único, insubstituível e dotado de dignidade intrínseca, independentemente da sua condição social, étnica, de género ou da situação em que se encontre, incluindo situação de sofrimento e de proximidade de morte.

- Que o avanço científico e da medicina moderna, têm proporcionado, através da utilização de meios tecnológicos, farmacológicos e terapêuticos, a minimização do sofrimento e o prolongamento da qualidade de vida. A utilização destes meios constitui uma forma de combater o sofrimento e de exercer a misericórdia para com quem sofre, desde que efetuados dentro do quadro em que a dignidade humana esteja assegurada e em que, ao ser constatada a impossibilidade de cura ou restabelecimento da pessoa, tais meios se traduzam em cuidados paliativos que permitam chegar ao término da existência com dignidade. Pelo contrário, a Igreja Adventista rejeita liminarmente a denominada eutanásia ativa, que consiste em tirar a vida dum paciente (a seu pedido, a pedido dos familiares ou por decisão do médico), através da aplicação de fármacos ou substâncias químicas com o objetivo de evitar uma morte dolorosa ou situações de sofrimento que sejam pesadas para o doente, para a família ou para a sociedade. Também desaconselhamos o uso de meios farmacológicos e terapêuticos em situações que configurem o denominado encarniçamento terapêutico, que apenas aumentam o sofrimento do doente ou prolongam desnecessariamente o processo do morrer, sem qualquer esperança de recuperação da pessoa.

- Que a compaixão para com aquele que sofre, é ainda visível no apoio solidário da parte de familiares, de amigos, de assistência profissional adequada, em dinâmicas



direccionadas para aliviar o sofrimento. Tentar paliar a dor alheia é uma das ações mais nobres e profundas que o ser humano pode empreender. Neste processo, todas as estruturas da sociedade deveriam estar implicadas, de forma a que cada um encontre o apoio necessário que o ajude a ultrapassar e a ser resiliente diante da adversidade. Daí a importância que os cuidados paliativos revestem nas situações de fim de vida.

- Que a fé, a dimensão espiritual da pessoa, proporciona uma força misteriosa capaz de ajudar a transcender, a encontrar um sentido para o sofrimento, um sentido para a vida e uma esperança que sustente a existência em todos os seus estágios.

- Que apenas no comprometimento com a dignidade da vida e do ser humano, no acompanhamento solidário daqueles que sofrem, descobrimos melhor o sentido da vida, tornamo-nos mais empáticos e próximos, mais autênticos, mais portadores de esperança.

SERVIÇO DE CAPELANIAS
